

Palco da política

RICARDO A. SETTI

Um ano movimentado, este. Da volta do Fuzquinha à criação do imposto sobre cheques, da punição da ministra Luíza Erundina pelo PT à campanha pelo plebiscito, o palco da política mostra-se fervilhante neste início de 1993. Se o ano começa assim, imagine-se como terminará, com a revisão constitucional pegando fogo e uma provável campanha presidencial já saindo às uas.



Pena que o doutor Ulysses Guimarães não faça mais parte do elenco — um estridente saco de gatos que abrange de tudo: atores velhos e novos, competentes e canastrões, estrelas e figurantes. Mesmo com a peça já iniciada, vale debruçar-se sobre alguns dos principais e tomar-lhes o pulso e o peso, sobretudo em relação ao papel que possam jogar nesses próximos eventos.

Itamar Franco: o presidente da República trouxe uma lufada de oxigênio para a viciada ética do Palácio do Planalto. Deus sabe que não é pouco. Mas é também certo que seu estilo desconcertante não permite adivinhar para que caminhos pretende conduzir o País. Lotou de congressistas o governo — e não tem maioria sólida no Congresso. Jura que não vai interferir no mercado, mas vive brandindo ameaças contra o setor

privado. Dá força ao ministro da Fazenda, só que não passa uma semana sem desautorizar alguma de suas políticas. Não vai tomar partido no plebiscito, mas seu mau humor em relação à modernidade poderá ajudar a manter, na Constituição, algumas bobagens nacionalistas.

Antônio Carlos Magalhães: o governador da Bahia, depois de apoiar até o fim o defunto governo do ex-presidente Fernando Collor, parece criança enfezada, que puxa briga com quem está ao alcance do braço (ou do berro). Sem espaço na nova ordem, faz uma oposição canhestra, tentando transformar em questões nacionais miseráveis picuinhas de província que não fazem justiça à sua proverbial capacidade de manter-se à tona. Nem no palanque presidencialista está à vontade já que, como proclamou, ele está repleto de “ladrões”. Quem apostar em seu declínio, porém, estará arriscando.

Luiz Antônio Fleury Filho: o governador de São Pulo se fingiu de morto e correu como pôde dos respingos da estrepitosa derrota de seu candidato a prefeito da Capital, em outubro passado. Não pôde fazer o mesmo com o massacre dos presidiários do Carandiru, que, provavelmente, continuará sendo uma sombra incômoda para sua imagem política. Vem fazendo malabarismos para se afastar do ex-governador Orestes Quécia sem romper com o amigo mentor. Eles tropeçam, porém, nas ações que o governo estadual tem empreendido para atrapalhar as investigações do Ministério Público sobre Quécia e membros de sua entourage. Ainda

não explicou convincentemente duas tentativas de suborno a jornalistas praticadas por um ex-funcionário do Palácio dos Bandeirantes. Sua estrela já brilhou mais.

Paulo Maluf: o prefeito da Capital tem trunfos preciosos sobre a mesa. A vitória eleitoral esmagadora em novembro passado, de um lado, e a torrente de denúncias de corrupção envolvendo outros políticos de escol, de outro, detiveram o processo de satanização que sofria havia quase duas décadas. Os rumos do governo Itamar e o temor de uma vitória em 1994 da candidatura presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, podem arremessar de graça a bandeira da modernização do País em suas mãos. Depois de eleito, porém, embora tenha conseguido ampliar a base de apoio para além de seu tradicional terreiro, parece enferrujado para o corpo-a-corpo do exercício do poder e deu cabeçadas desnecessárias. Seu grande problema será enfrentar, na dura realidade de administrar a maior cidade brasileira, o mito que ele próprio criou em torno de sua eficácia. O começo de sua gestão vem sendo errático e medíocre.

Orestes Quécia: o intenso, interminável foguetório de denúncias envolvendo possíveis irregularidades em seu governo em São Paulo (1987-1991) já faz sentir sua influência dentro do PMDB. Mais de um governador de Estado do partido já considera Quécia fora — por vontade própria — da sucessão presidencial em 1994, até na hipótese de vitória do presidencialismo no plebis-

cito. Mesmo ainda não provadas judicialmente, as denúncias terão um efeito devastador em qualquer campanha eleitoral. Ele tentaria voltar ao Palácio dos Bandeirantes — não mais que isso.

Luiz Inácio Lula da Silva: a saia justa política em que vive desde o início do governo Itamar se estreitou ainda mais quando o presidente encampou, em princípio, o programa contra a fome do PT. Passa 24 horas por dia explicando por que o partido, tendo ajudado a instalar Itamar no poder, não vai para o governo ajudá-lo. A brigalhada interna no partido também lhe traz desgastes. Mas continua com bom ibope para 1994.

Leonel Brizola: derrotado na eleição municipal no Rio, mostrou sua face escura ao adotar a inacreditável posição de defender o voto nulo. Desinteressado do exercício do governo, refugiado em seu apartamento de Copacabana ou em sua fazenda no Uruguai, é capaz de ficar meses sem despachar com um secretário — e o resultado é uma administração desastrosa que lhe arranha ainda mais o cacife político. É estrela cadente.

Ibsen Pinheiro: sua sobrevivência no primeiro plano depende de sua capacidade de manter a imagem de “senhor impeachment” com que se conduziu no ano passado. Sem cargo na Câmara dos Deputados, não vai ser fácil. Mas tem imagem de integridade e moderação e é nome para ser observado.

■ Ricardo A. Setti, jornalista, é diretor editorial adjunto da Editora Abril.